

Faces de Eva

Estudos sobre a Mulher



lúmus

FACES DE EVA
Revista de Estudos sobre a Mulher
N.º 39 – 2018

Primeira Directora: Zília Osório de Castro

Direcção: Zília Osório de Castro • Isabel Henriques de Jesus

Coordenação: Alexandra Alves Luís / Ana Paula Saraiva

Assessora de Direcção: Natividade Monteiro

Secretária de Edição: Maria do Céu Borrêcho

Redacção: Alexandra Alves Luís, Ana Cristina Oliveira, Ana Paula Saraiva, Ana Rosa Mota, Catarina Inverno, Cristina L. Duarte, Elisabeth Évora Nunes, Ilda Soares de Abreu, Isabel Henriques de Jesus, João Esteves, Maria do Céu Borrêcho, Maria José Remédios, Maria Reynolds de Souza (honorária), Natividade Monteiro, Regina Tavares da Silva (honorária), Rita Mira, Sandra Leandro, Susana Cámara Marín, Zília Osório de Castro.

Conselho Editorial: Ana Guil Bozal (Universidade de Sevilha), Ana Isabel Buescu (Universidade Nova de Lisboa), Ana Pires Pessoa (Instituto Politécnico de Setúbal), Anne Cova (Universidade de Lisboa), Bernardo Vasconcelos e Sousa (Universidade Nova de Lisboa), Carla Cibebe Figueiredo (Instituto Politécnico de Setúbal), Consuelo Flecha García (Universidade de Sevilha), Dalila Cerejo (Universidade Nova de Lisboa), Deolinda Adão (Universidade da Califórnia - Berkeley), Esther Martínez Quinteiro (Universidade de Salamanca), Eugénia Vasques (Instituto Politécnico de Lisboa), Fernando Ribeiro (Universidade Nova de Lisboa), Filipa Vicente (Universidade de Lisboa), Irene Vaquinhas (Universidade de Coimbra), José Luís Garcia (Universidade de Lisboa), Krassimira Daskalova (Universidade de Sófia), Mara Montanaro (Universidade de Paris 8), Maria do Mar Pereira (Universidade de Warwick), Maria da Conceição Nogueira (Universidade do Porto), Maria Luísa Ribeiro Ferreira (Universidade de Lisboa), Maria Paz Pando Ballesteros (Universidade de Salamanca), Mary Garcia Castro (Universidade Católica de Salvador), Paula Gomes Ribeiro (Universidade Nova de Lisboa), Paula Pinto Costa (Universidade do Porto), Paulo Ribeiro Baptista (Museu Nacional do Teatro e da Dança), Teresa Joaquim (Universidade Aberta), Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti (Universidade Católica de Salvador).

Direcção gráfica e capa: António Pedro

Referes: Adriana Bebiano (Universidade de Coimbra), Ana Gabriela Macedo (Universidade do Minho), Ana Raquel Fernandes (Universidade Europeia), Anabela Galhardo Couto (Universidade Aberta), Deolinda Adão (Universidade da Califórnia – Berkeley), Irene Vaquinhas (Universidade de Coimbra), Iolanda Ramos (Universidade Nova de Lisboa), João Paulo Avelãs Nunes (Universidade de Coimbra), Maria Rosa Cabecinhas (Universidade do Minho), Rada Iveković (Universidade de Paris 7), Teresa Sousa de Almeida (Universidade Nova de Lisboa).

Edição: Húmus • Apartado 7081, 4764-908 Ribeirão – Vila Nova de Famalicão

Execução gráfica: Papelmundie

Sede: Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Avenida de Berna, 26 C · 1069-061 Lisboa www.facesdeeva.fcsh.unl.pt · e-mail: facesdeeva@fcsh.unl.pt

ISSN 0874-6885 Depósito legal n.º 145 434/99 Tiragem: 300 exemplares

Periodicidade semestral Preço por número: 10,60 € Assinatura (2 números): 21,00 €

Solicita-se permuta/ Exchange requested /On demande l'échange/Man bittet um Austausch

A revista *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher* está indexada na plataforma SciELO – Scientific Electronic Library Online (www.scielo.org), no Catálogo LATINDEX – Sistema Regional de Informação em Linha para Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal (www.latindex.org), no índice ERIH PLUS – European Reference Index for Humanities and Social Sciences (www.erihplus.nsd.no) e na Virtual Library Women's History (www.iisg.nl/w3v1womenshistory). É membro da rede EIGE sobre a Igualdade de Género – EuroGender (www.eurogender.eige.europe.eu).

Apoios: Fundos Nacionais ao abrigo do projecto UID/SOC/04647/2013 da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

SUMÁRIO

- 5 NOTA DE ABERTURA
Isabel Henriques de Jesus
- POEMA
- 13 Carta Tardia a Isabel
Maria Teresa Horta
- HOMENAGEM
- 17 Maria Isabel Barreno vista pela neta
Leonor Valente Pereira
- 19 Carta última a Maria Isabel Barreno
Maria Teresa Horta
- ESTUDOS
- 27 A Multiplicidade do Eu
Construção de identidade feminina em Maria Isabel Barreno
Deolinda M. Adão
- 41 Une cartographie des féminismes postcoloniaux et decoloniaux
(Mohanty, hooks, Vergès)
Mara Montanaro
- 55 O pensamento feminista de Maria Teresa Horta
na revista *Mulheres* (1978-1989)
Maria João Faustino
- 75 Mulheres doutoras nas universidades portuguesas (1926-1960)
Armando Luís de Carvalho Homem
- 93 Que papel de parede? Uma leitura do conto
"O Papel de Parede Amarelo" de Charlotte Perkins Gilman
Rita Santana
- ESTADO DA QUESTÃO
- 113 Rede Ma(g)dalena Internacional
Teatro das Oprimidas
Bárbara Santos

DIÁLOGOS

- 121 (Des)Fazer género, (des)construir futuros
Diálogos sobre linguagem inclusiva e literacia crítica mediática
Carla Cerqueira / Sara Isabel Magalhães

ENTREVISTAS

- 131 Maria Graciete Besse
Sandra Leandro
- 141 Teresa Fragoso
Maria do Céu Borrêcho / Natividade Monteiro

PIONEIRAS

- 153 Fatumata Djau Baldé
Alexandra Alves Luís
- 161 Shahd Wadi
Alexandra Alves Luís / Ana Paula Saraiva

(AUTO-)RETRATO

- 171 Maria Arminda Lopes Pereira Santos
- 177 Maria do Mar Pereira
- 183 Linda Nochlin
Filipa Lowndes Vicente

LEITURAS

- 193 Moda e feminismos em Portugal. O género como espartilho. Histórias de vida
Zília Osório de Castro
- 197 Poesis.
Ana Raquel Fernandes
- 203 Eu matei Sherazade: Confissões de uma mulher árabe em fúria
Isabel Henriques de Jesus
- 209 Linha Editorial
- 209 Procedimento de arbitragem/Peer reviewing process
- 211 Normas de publicação/Publication norms
- 217 Proposta de assinatura

Nota: A regra ortográfica de cada artigo respeita a opção de autoras e autores.

Nota de
abertura

ISABEL HENRIQUES DE JESUS*

Os últimos tempos têm sido dominados pela soberana palavra das mulheres. Palavra destemida, audaz, corajosa. Palavra tardia, palavra necessária, palavra justa. Abriram a caixa de Pandora. O escondido tornou-se público, o ancestral foi questionado, o trivial passou a chocante. Palavras como *poder*, *violação*, *assédio*, *consentimento*, *sedução* surgem unidas num discurso que reclama novas e mais simétricas regras de relação. E se ninguém questiona a urgência das revelações nem a pertinência da discussão, já o seu aproveitamento no sentido de tomar o particular pelo todo ou a colagem acrítica que mistura factos com suposições ou que apelida de assédio qualquer cumprimento um pouco mais sedutor parece-me um mau serviço à causa das mulheres ou dos feminismos. Os olhares de apreciação não podem ser considerados actos ilícitos e só se tornam eficazes quando há reciprocidade. O sorriso é um elemento de sedução bastante precoce no desenvolvimento humano e promove laços indispensáveis à vida afectiva e social. O piropo, que se tornou tão escandaloso para o politicamente correcto, pode ser elegante e inteligente e atrair seres maduros e com sentido de humor. Pretendo com isto defender que a vida é mais interessante se integrar os diversos matizes do relacionamento humano e se estiver atenta às particularidades que distinguem comportamentos reprováveis, porque assimétricos e não consentidos, de formas mais ou menos sedutoras de interrogação sobre a disponibilidade do/a outro/a.

.....

* Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Faces de Eva - Estudos sobre a Mulher
misabeljesus@fcsh.unl.pt

Sempre que um acontecimento impactante ocorre, a análise que dele se faz condiciona a relevância social do mesmo, inscrevendo-o ou não na categoria de marco de transformação social. A denúncia que muitas mulheres – e também alguns homens – têm tornado pública a respeito de abusos sobre os seus corpos e, portanto, sobre a sua integridade de pessoa humana, vai certamente reflectir-se nas relações, inibindo o exercício de um poder absoluto e desrespeitoso por parte dos mais fortes. Talvez a estupefação e o susto com que homens poderosos foram confrontados pela palavra das muitas mulheres que se associaram num movimento que parecia não ter fim mudem as práticas relacionais que, de tão habituais, lhes pareciam normais e legítimas.

Tratou-se, afinal, de mais um acto de insubordinação das mulheres, de mais um acto de rebeldia contra uma situação que lhes era imposta, ainda que a contrapartida fosse, em algumas situações, o acesso a carreiras profissionais de sucesso. Sempre que, ao longo da história, as mulheres quebraram os muros, fizeram-no abdicando de pretensas situações de privilégio. As “fadas do lar” tornaram-se profissionais, as “protegidas” tornaram-se protectoras ou auto-suficientes, as “representadas” tornaram-se eleitoras, elegíveis e eleitas. Partiram em desvantagem, acumularam as tradicionais funções de cuidadoras com as necessidades profissionais e pessoais e perspectivaram o futuro com a tenacidade das marginais. E porque foram criadas com o “defeito” da curiosidade (mito de Pandora) estudam muito, cada vez são mais qualificadas, têm opiniões, expressam-nas e não suportam mais as investidas dos homens como seus donos e senhores. Mas isso não faz delas seres sensualmente assépticos. Muito pelo contrário, a luta que as mulheres empreenderam na segunda metade do século XX teve como princípio fundamental o direito ao corpo, ao prazer, à expressão erótica e sensual. O jogo da sedução está presente nas relações amorosas e em nada pode ser diminuído pela crescente capacidade intelectual das mulheres ou pela sua autonomia financeira.

Maria Isabel Barreno, que agora homenageamos, pertence a essa geração de mulheres que defenderam práticas igualitárias e simétricas nas relações de género, e o seu nome está indelevelmente ligado a um marco do feminismo português. Não apenas enquanto escritora e investigadora o acento tónico da sua obra revela a recusa da dominação das mulheres – e também dos mais fracos –, como é uma das autoras de *Novas Cartas*

Portuguesas onde a denúncia do corpo enclausurado das mulheres e a possibilidade da expressão livre da sua sensualidade se manifestam como gritos de alerta e de contestação à menorização e à opressão das mulheres. Profundamente inovador enquanto processo e forma de escrita, e de conteúdo ousado e denunciador, o livro foi censurado e proibido após a sua publicação em 1972 e as três autoras (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa) sujeitas a um processo judicial, juntamente com a responsável pela editora, Natália Correia. A onda de choque produzida nos países onde o livro foi recepcionado, assim como o processo judicial em curso em Portugal, acabaram por o trazer à ribalta e acentuar a leitura feminista do mesmo, tornando-o um símbolo do feminismo português.

Este número de *Faces de Eva* é dedicado a Maria Isabel Barreno porque queremos que a sua memória se mantenha viva e activa. A sua obra literária, ensaística e de intervenção revela uma profunda preocupação social, na qual a situação das mulheres ocupa um lugar primordial. Quem com ela privou reconhece a firmeza, a inteligência e a sobriedade com que abraçou as causas em que se envolveu. Através dos seus actos, da sua voz ou da sua pena, emergiram justas palavras de mulher que ecoaram em muitas outras vozes e se expandiram num movimento de crescente consciência do seu poder transformador.

Isabel Henriques de Jesus

